



Foto Xico Chaves

ESPORTE, FEMINISMO E PATERNALISMO PROTETOR

HUGO R. LOVISOLO é Doutor em Antropologia Social. Professor do Departamento de Teoria da Comunicação da UERJ e Pesquisador do CNPQ.

RONALDO G. HELAL é Professor do Departamento de Teoria da Comunicação da UERJ e pesquisador do CNPQ.

161

No "país do futebol" os times e as jogadoras femininas se sentem em uma posição de inferioridade sob o ponto de vista do reconhecimento e dos retornos da vida profissional. Situação semelhante se repete em outros países da América Latina e do mundo, onde o futebol ocupa posição de esporte dominante. As mulheres são então desfavorecidas pelo sistema em vigor e reclamam.

Em um artigo incitante, capítulo de um livro de ensaios filosóficos sobre o futebol (1), Tamburrini e Tãnsjö (2006), partem da constatação de que a discriminação sexual é amplamente aceita no mundo do esporte, cimentando concepções machistas sobre a inferioridade das mulheres. Assim, o esporte profissional e de alto rendimento privaria as mulheres de espaços mediáticos, reconhecimento público e rendimentos provenientes de prêmios e contratos de publicidade. Os autores passam a defender a idéia de oferecer às esportistas, que o desejem, a modificação de sua estrutura genética adaptando a fisiologia às necessidades do mercado esportivo. Os autores se contrapõem às possíveis objeções e no uso da retórica filosófica argumentam a favor e contra as teses opostas. O leitor poderá conferir por si mesmo os argumentos postos em jogo.

Contudo, devemos salientar que a proposta da modificação da estrutura genética das mulheres para atingirem a igualdade no campo do esporte, implica o reconhecimento da superioridade masculina que não seria apenas produto do funcionamento discriminador. Caso a superioridade fosse apenas produto de determinantes, historicamente construídos, a modificação genética poderia tornar as mulheres em homens, sem no entanto modificar a situação de discriminação. Portanto, ...

162

... estaríamos diante da inferioridade biológica, em sentido estrito, em esportes determinados?

Uma prova dos nove, para os que pensam desse modo, reside no fato de que as mulheres não reivindicam participar nas competições esportivas juntamente com os homens. Se o Comitê Olímpico Internacional, por exemplo, eliminasse a competição intragênero, podemos supor que o número de mulheres participantes das Olimpíadas cairia abruptamente, seguida da queda no número de medalhas por parte do sexo feminino. Um exemplo banal é o da diferença de quase 30 minutos, a favor dos homens, nas maratonas. Uma simples consulta na internet poderia multiplicar os exemplos.

No último Australian Open (tênis), começaram a se manifestar vozes crítica à discriminação que estariam sofrendo os homens. Dois eixos compõem as desigualdades "femichistas": os prêmios são iguais, porém o esforço requerido aos homens em cinco sets supera largamente o feminino que se define em três. Ou seja, os homens trabalham mais para ganhar o mesmo. O segundo eixo é dado pela gentileza de que as mulheres joguem nos horários mais frescos nas quentes terras de Melbourne. Jogar nos horários mais quentes implica maior esforço e desgaste dos homens para ganhar o mesmo que as mulheres. Esperamos que nenhuma feminista declare que as atletas participantes do Australian Open possuam dupla jornada de trabalho!

A partir de um critério igualitarista raso, tantas vezes esgrimido pelas feministas, está claro que estamos diante de uma situação de desigualdade desfavorável para os tenistas masculinos. Teríamos que falar em discriminação "femichista"?

A desigualdade tomaria proporções ainda maiores se considerarmos que o desempenho masculino é bem superior ao feminino em quase todos os esportes. O tênis, por ser um esporte que não implica o corpo a corpo, por não possuir a violência das dinâmicas do futebol ou do handebol por exemplo, perfeitamente poderia ser um dos esportes no qual a separação por gênero fosse eliminada. É pouco provável aqui que as feministas venham a lutar pela eliminação da separação ou segregação de gêneros que, no campo do esporte, não é considerada nem como desigualdade nem como exclusão, sob o ponto de vista feminino igualitarista.

163

Depois de tudo, o único que justifica manter a segregação de gêneros no tênis, no golfe, na natação, no atletismo e em tantos outros esportes onde não existe o confronto corpo a corpo, seria um desempenho absolutamente superior dos homens que acabaria provocando a desistência das mulheres. A solução parece ter residido na segregação: mulheres competem com mulheres e homens com homens. Separemos da mesma forma que separamos os vestiários.

A igualação se estabelece em termos de prêmios iguais, mas não se mantem em termos de, no caso

do tênis, duração das partidas e melhores condições de horário para as mulheres. Tudo isto parece ser politicamente correto. Isto é, para estimulá-las na prática esportiva sejamos protetores, enfim, paternalistas: segreguemos os gêneros para que compitam internamente. Com isto e, sobretudo, com a igualdade no valor dos prêmios, não temos os reclamos feministas de igualdade de retribuições e prestígio que, por exemplo, são reiterados no futebol.

As federações e os patrocinadores parecem que encontraram na segregação, com prêmios iguais e exigências menores, como no caso do tênis, uma forma de valorizar e respeitar as mulheres. Seria, talvez, um custo baixo para apagar a reivindicação feminista? No entanto, por baixo do pano ou no interior de cada consciência, existe a evidência de que o desempenho masculino é superior, e não raro as exigências de forma variada são menores para as mulheres, como no caso da rede de vôlei, de menor altura para as mulheres.

A situação soa muito mais a ênfase do machismo, na conhecida figura do paternalismo, que a conquista igualitária de direitos. Temos, então, um machismo ou paternalismo protetor em relação às mulheres por parte dos homens? Assemelha-se ao paternalismo protetor na concessão de pensões para as filhas mulheres e ao que vigora no direito a aposentadoria com menos idade e anos de serviço, embora as estatísticas indiquem que as mulheres vivem mais e usam mais o sistema de saúde, seja privado ou público. Isto não seria muito grave se houvesse o reconhecimento de que são desigualdades produtos do espírito protetor dos homens em relação às mulheres, como era declarado antigamente. Talvez apenas resultado das ambigüidades ou contradições ...

164

... das atitudes paternalistas que oscila entre o domínio e a proteção. O que de fato incomoda é que essas vantagens das mulheres sejam consideradas como produto dos princípios de justiça do feminismo, pois, de fato, elas falam contra a igualdade dos princípios.

Observamos que a superioridade masculina em relação aos esportes não implica superioridade intelectual, e menos ainda, superioridade fisiológica. Sob este ponto de vista as mulheres são bem mais complexas que os homens, especialmente em relação com a reprodução que implica mudanças correlacionadas. Portanto, os desempenhos em campos diversos não estariam correlacionados.

E na paixão nacional, o futebol, o que estaria ocorrendo? É verdade que durante mais de um século foi considerado um esporte masculino que se praticava em lugares restritos às mulheres como a rua ou os campos de pelada. O gênero feminino foi excluído da socialização no futebol e de seu aprendizado por bastante tempo. No entanto, a prática e o ensino passaram a ser realizado, de modo crescente, em espaços fechados e artificiais como quadras e plays, como os que queria multiplicar em Recife, Gilberto Freire, por volta de 1920, a partir de sua experiência nos Estados Unidos. Multiplicaram-se as escolinhas de futebol que abrem turmas femininas quando há demanda.

As pesquisas com praticantes femininas, realizadas na área da Educação Física, indicam que os preconceitos existentes nas famílias já não são suficientemente fortes como para impedir a prática quando é desejada. Eles existem, mas perderam o vigor necessário para impor restrições a partir deles. Mais ainda, as pesquisas salientam que as meninas que jogam declaram que são convidadas a jogar pelos meninos quando as consideram habilidosas. Coisa semelhante ocorre com os meninos que, como é sabido, tendem a serem excluídos quando são pouco habilidosos ou, tradicionalmente, postos como goleiros. Podemos apostar que a crescente participação de meninas e jovens na prática do futebol significará um aumento nas habilidades com a bola e nas competências estratégicas. Somos da opinião de que isto já ocorre e esperamos que se torne uma tendência persistente. Assim, daqui a algumas décadas poderemos constatar ...

165

... se houve ou não igualdade em habilidades e competências. Isto não parece ter ocorrido com o tênis apesar de que Wimbledon abriu as portas para as mulheres poucos anos após sua inauguração. Se as habilidades e as competências crescerem significativamente, será que chegaremos a equipes mistas de futebol, ainda quando os vestiários permaneçam diferenciados ou continuaremos com grandes diferenças nos desempenhos como no caso do tênis?

NOTAS:

(1) O livro leva por título *La pelota no dobla?, Ensayos filosóficos em torno al fútbol*. Compilado por C.R. Torres e D.G. Campos foi editado por Libros del Zorzal, Buenos Aires, 2006, e vale a pena sua leitura.

